

Onde moram os segredos

MILU LEITE



Prólogo

— Tem certeza de que o nome é mesmo Calle Santo Ignacio de Loyola, Naw? Estamos caminhando há horas! Provavelmente já conhecemos todas as ruas de Santiago.

— Claro que tenho, Moon! Se vocês andassem mais e se beijassem menos, a gente já estaria lá.

— *Ah, si, si, por supuesto.* Olha só quem fala! Vocês grudam uma boca na outra a cada esquina e agora a culpa da demora é nossa?

— Que lonjura, Nawar! Fico pensando se de *gurë* a gente não chegava antes!

— Caramba, como mulher reclama! O que quer dizer, *gurë*, Iaké?

— É cipó, Dô. Foi uma piada.

— Perdi. Não entendi, mas posso rir agora. Hahaha.

— Tonta e tonto, a tal esquina é ali. Estão vendo a placa? Museo Historico y Militar de Chile. A casa tá perto. Tudo bem aí dentro do peito, Naw?

— Não! *Stop!* Para tudo. Meu coração vai sair pela boca. Preciso dar uma acalmada. Acho que hoje é o dia mais importante da minha vida. Mais alguns passos, e...

— Calma. Minha intuição diz: “dia bacanudo para sua melhor amiga”. Então, vai dar tudo certo. Fica sussa.

— *Afff*, tomara! Dô, Moon e Iaké, cruzem os dedos porque esse encontro vai mudar toda a minha vida. Mas antes... antes de todas as coisas, eu preciso que vocês me abracem. Forte, muito forte.



Sobre verdades e mentiras

Aconteceu ou eu inventei, eis a minha questão.

Não, não se trata de uma dúvida comum, sobre um fato específico. O ponto de interrogação que carrego é bem maior. Saber se o que eu digo que aconteceu, de fato aconteceu, nem sempre é fácil. Para ser franca, às vezes é impossível, e eu lido com isso todos os dias. Basta estar acordada, e tudo pode ser questionado.

Divido um apartamento em São Paulo com dois amigos, o Dô e a Moon, temos praticamente a mesma idade, temos gostos em comum, só que eles, ao contrário de mim, só mentem se quiserem. Por causa dessa amizade e de toda a confiança que tenho neles, posso dizer que sou feliz alguns dias e uma porcaria de pessoa nos muitos outros que completam os 365 do ano. Não tô reclamando, não, a vida é assim pra todo mundo: complicada, inesperada, intensa, apaixonante, mas também tediosa, insossa, pueril, estúpida e vazia. A diferença está justamente nas pessoas que te acompanham.

Eu conheci o Dô logo no primeiro dia no novo colégio, e foi ele que me apresentou pra Moon. Queijo, goiabada e tapioca, nós

três, de cara, nos tornamos essa mistura imprescindível de gostosuras. Fui praticamente adotada por eles, irmãos gêmeos, já que minha família — se é que se pode chamar assim — se resume ao meu pai, que mora na Amazônia, num fim de mundo com o bizarro nome de Comunidade do Catalão, lugar onde ele se enfiou pra pesquisar, quer dizer, pra enfiar agulhas em bichinhos que ele e sua equipe de auxiliares colhem na mata. Eles vivem numa casa que flutua sobre a escuridão do rio Negro, e toda vez que tem cheia a água sobe e encobre os grossos troncos de árvores que sustentam não apenas a casa, como também o laboratório, a horta, o galinheiro. A partir desse dia, todas as tarefas passam a ser feitas de canoa, até mesmo a caçada aos tais bichinhos. Confinado lá no seu mundo, meu pai nem lembra que eu existo, e eu não vou mais choramingar por causa disso.

O planeta dele é outro. Ele saiu da sua galáxia uma única vez, quando namorou a minha mãe. Ela engravidou, me pariu e desapareceu logo depois. Acho que não aguentou se sentir um bicho observado com lentes de aumento. Eu não tinha nada a ver com o pato, mas ela nem levou isso em conta. Foi embora e me deixou com ele lá nos cafundós.

Assim que cresci um pouco, meu pai teve que buscar uma escola pra mim em Manaus. Saí dos cafundós e fui para a capital, onde eu ficava como interna num colégio a semana toda pra que ele pudesse continuar com o trabalho no Catalão. A gente só se via nos fins de semana.

Quando completei 16 anos, eu já não aguentava mais aquela vida de prisioneira. Falei pro meu pai: quero ir pra São Paulo! De jeito nenhum, morar sozinha, vai viver onde? blabláblá, e eu: Vou morar com a minha mãe. Ele fez cara de coruja e disse que ia pensar. Pensou só dois dias e depois me contou que minha mãe, de

quem eu nunca tinha uma única notícia, morava no Chile e não me queria por perto.

Chorei uma semana inteira. Imagine o que é ouvir uma coisa assim. Doeu até o fundo, tão fundo que chegou a atingir os ossos, e o sangue que correu nas minhas veias nesses dias espalhou tanta dor que eu fiquei doente. Doente de tristeza. Meu pai se preocupou, me levou de volta pra nossa casa flutuante e, por alguns dias, ele se dedicou totalmente a mim. Deixou os bichos para os outros pesquisadores. Só que eu sabia que a vida não ia continuar desse jeito. Ele queria trabalhar e eu queria sair daquele fim de mundo. Foi então que, depois de uma conversa sincera na varanda, com os olhos atentos na imensidão da mata e os pés metidos nas águas do rio, meu pai atendeu o meu pedido e me levou pra São Paulo. Ele me conhecia pouco. Ele ainda não sabia.

Algum tempo depois, me matriculou no melhor colégio alternativo que encontrou e alugou um *flat* para eu morar bem pertinho de uma praça toda arborizada. Contratou em Manaus uma conhecida pra “cuidar de mim” (como se eu precisasse de babá). Enfiou na cabeça que eu ia morrer de saudades da vida que eu tinha e convenceu a coitada da mulher a vir pra cá.

Errou, claro. Errou na saudade e na mulher, que passados dois meses arrumou as malas e voltou pra Manaus.

Eu já tinha vindo com meu pai pra cá algumas vezes e sabia exatamente o que estava escolhendo em São Paulo: acordar e sentir que o mundo é um corre-corre, que as pernas não param pra nada, que os dias podem começar numa padaria da esquina com pão com manteiga na chapa e uma média, prosseguir com a variedade de gente no ponto de ônibus, as conversas com sotaques entre um passageiro e outro qualquer, tão qualquer quanto ele e eu, para terminar com a voz do motorista reclamando do trânsito antes de

eu dar o sinal de parada e então descer do ônibus e caminhar dois quarteirões até a escola. O que eu não sabia é que em breve este se tornaria o melhor dos mundos porque vivem nele o Dô e a Moon. Mas antes foi o Dô, e a gente ficou amigo bem como eu acho que deve começar toda amizade: sem frescura, com total sinceridade.

A gente já tinha trocado umas palavras no colégio, mas uma vez ele me chamou e disse que a galera estava falando muito mal de mim: você inventa coisas, estão te chamando de mentirosa, tem até quem te chame de louca, por que você faz isso? O Dô fez a pergunta que só alguém interessado em se tornar um verdadeiro amigo faria. Eu expliquei como pude, deixando bem claro que não era de propósito. E detestei saber que já me chamavam de mentirosa. As pessoas me conheciam há poucos dias! Que saco.

Até a chegada a São Paulo, minhas “mentiras” tinham me metido em poucas encrencas. Quando era pequena e ainda passava a maior parte do tempo no Catalão, tive uma vida tranquila. Quando eu e meu pai nos mudamos pra Manaus, a situação mudou e as falsas memórias (não são mentiras, afinal de contas; são memórias que eu invento) começaram a aparecer. Os alunos da escola me impingiram, então, pela primeira vez na vida, o rótulo de mentirosa.

Meu pai, que só me via nos finais de semana, nem ficava sabendo, porque eu não contava nada. Ia dizer o quê, que mentia sem querer? Eu me assombrava comigo mesma, e não ter respostas para explicar um comportamento tão horrível me enchia de vergonha. A vergonha cresceu tanto que eu me retraí até virar uma espécie de concha. Isso meu pai notou e ele chegou mesmo a dizer que estava preocupado comigo, que a culpa era dele por passar tanto tempo com seus bichinhos, longe que só... da minha rotina, de mim, com a cara enfiada num mundo paralelo onde só

existem corpos e patinhas. Eu ouvi as palavras dele em silêncio, e nada mudou. Minhas invenções nunca chegavam ao conhecimento dele.

Conforme fui crescendo, comecei a tentar entender meu comportamento bizarro. Notei, por exemplo, que em Manaus os episódios de falsas memórias ocorriam principalmente no restaurante da escola, quando todas as internas, inclusive as garotas mais velhas, se reuniam para as refeições ao meio-dia e às seis horas da tarde. Eu dizia mentiras absurdas, ridículas até, e todos riam de mim; isso quando não me viravam a cara pra sempre. Em pânico, comecei a anotar as mentiras que me diziam que eu contava, pra ver se surgia alguma pista que me levasse a alguma resposta. E a única coisa que descobri é que quanto maior era o número de pessoas onde eu estava, mais fácil de acontecer uma falsa memória. Ou seja, eu parecia apreciar mentira com plateia.

O processo desde sempre é o mesmo: primeiro me dá um branco, depois brota uma lembrança que, pra mim, é totalmente verdadeira. O problema é que tanto posso dizer que viajei pelo Himalaia como que ensinei um mico a cantar! De tanto me zoarem, prefiro ficar calada, porque se eu falar pode ocorrer uma espécie de curto-circuito no meu cérebro, já que as memórias falsas surgem como fagulhas, já que eu invento coisas, já que eu, como diz toda gente, minto. A primeira lição, portanto: de boca fechada não sai invenção.

Minha mãe não vive perto (por que decidi falar dela justamente agora é coisa para psicanalistas averiguarem), ela mora no Chile, como já ouvi meu pai explicar. Portanto, além do nome Eulália Guarapoles Tutuama na minha certidão de nascimento, essa é a única informação que tenho sobre a mulher que me trouxe ao mundo. Não sei o que ela faz, se mora em casa ou aparta-